

# CAPÍTULO 1

## OS MENINOS E AS MENINAS DO PALÁCIO DO CATETE

---

*Data de aceite: 01/06/2023*

### **Luiz Cláudio Malhado de Santana**

Chegaram cedo. Enquanto alguns preparavam o som, outros se sentavam honestamente em suas cadeiras arrumadas no pátio em frente ao Museu da República, no Palácio do Catete. Não havia necessidade, pois havia espaço para todos, mas os mais solícitos marcaram o lugar para as companhias que viriam. E, ali, acomodaram-se, como se fossem andorinhas unidas fazendo um verão. Dali a poucos minutos, deram início à cantoria.

Nas árvores, embora alheios ao espetáculo, pássaros igualmente cantores faziam coro juntamente com a algazarra dos descoordenados pardais, que reclamavam uns dos outros. Alguns visitantes pararam para ouvir de onde vinha a melodia.

— Gostaria de oferecer esta música para aquela mocinha ali, que está de azul celeste e que conheci há pouco. Peço uma salva de palmas para ela – disse um dos meninos, com ar de intelectual e com um pandeiro à mão, apontando uma senhora

elegante, na segunda fila à sua direita.

Todos bateram palmas. Ela corou, mas riu largo. Ele começou, acompanhado de um senhor sorridente meio calvo com um violão na mão e outro, de aspecto sério, com um sax:

“Covarde sei que me pode chamar...”

— É Ataulfo – explicou-me alguém perto de mim. E completou: – Em parceria com Mario Lago.

Olhei-a e disse-lhe, querendo me enturmar:

— Eu sei. Também sou desse tempo bom.

Ela balançou a cabeça, compreendendo o galanteio, mas reprovando a mentira, e, antes que eu segredasse minha idade, mostrou-me um grupinho de adolescentes com uniforme de colégio público. Prestavam atenção no show, silenciosamente, desafiando o instinto peculiar dos jovens.

Sem ter o que retrucar, soube que eu teria que me manter também calado, para não atrapalhar seu divertimento.

Na hora do “perdão foi feito pra gente pedir”, ela se virou para mim e interrompeu seu silêncio, como se se desculpasse por me mandar calar. Sussurrou quase inaudível:

— Cabe a gente passar essas músicas para os jovens de hoje. Você não acha, querido?

Lisonjeei-me com o “querido”. Balancei a cabeça afirmativamente. Deixei que sua doçura preenchesse nosso diálogo silencioso. Ela sorriu e começou a murmurar baixinho o restante da canção, arriscando uma dancinha tímida, mas sempre conforme a música.

Fiquei contemplando o movimento de sua silhueta frágil e pensei em antigos ídolos que fizeram minha cabeça na juventude e que me dão exemplos de vida útil sem ligar para a idade.

O que leva, por exemplo, uma pessoa resolvida como Jane Fonda, na plenitude de seus 84 anos, linda, atuante e ativista convicta, a preferir ser presa algumas vezes por desobedecer às regras da “boa vizinhança” ao fazer protestos contra o aquecimento global? E o Mick Jagger e seus irmãos Stones, por que ainda rolam como crianças nos palcos do mundo inteiro, se dinheiro não lhes falta? Só pode ser para dar exemplo aos mais jovens. Para assegurar-lhes que o tempo, embora não faça acordo conosco, pode ser aproveitado com sabedoria e dedicação.

E aqui entre nós? Também temos modelos dessa longevidade que nos remeça: a Elza Soares exerceu sua magia até os 90. Como uma pantera guerreira do Reino de Wakanda, desafiou os limites de seu corpo e levou o sangue negro e o empoderamento feminino ao cenário caótico desse século de perturbações e intolerâncias. E o que dizer da incrível professora Cleonice Berardinelli, agora imortal da ABL, que afirma ter conhecido o poeta parnasiano Vicente de Carvalho, quando ela era criança? Com seu vasto conhecimento, aos 104 anos, ainda retira energias não sabemos de onde e continua diligente para exercer a função de professora sempre que é convidada.

E em nossas vidas em particular? Quantas pessoas nos deram argumentos para construirmos uma existência boa? Sim, porque certamente todos nós nos relacionamos com alguém que derramou sobre nós alguma espécie de dedicação ímpar: uma professora que marcou a infância ou despertou a paixão adolescente, um vizinho prestativo, um amigo de clube, um religioso de conversa macia e animadora, um colega de escola cuja amizade ultrapassou a distância e venceu as intempéries da vida... Foram guias que envelheceram por questões inevitáveis, mas não perderam o brilho dentro de nós.

Distraído, não percebi que mudaram o cantor, mas o tom não desafinou:

— “Tu és divina e graciosa, estátua majestosa do amor!”

Minha amiga observou que a melodia da canção era de Pixinguinha, enquanto a letra seria composta bem mais tarde por um simples mecânico chamado de Otávio de Souza. Frisou que a letra era uma obra-prima “muito difícil de entender”.

E era. E como era impressionante a simpatia de minha companheira daquela sessão musical. Criaturas agradáveis assim começam anônimas e, pela força de seu magnetismo,

com poucos instantes de convívio marcam sua presença na linha de tempo que limita nossa vida. Aquela moça ali, ao meu lado, suscitava a compreensão de que não existimos somente até os 60 anos, quando a maioria começa a se fixar na aposentadoria e passa a sossegar os ossos em frente a uma imagem de televisão.

Talvez seja esta a razão de existir dos homens e das mulheres da velha guarda, neste século XXI: somos chamados a repassar esperança e sabedoria aos que ficam, quando o tempo não nos permite mais realizar nem mesmo “os sonhos mais lindos” que sonhamos, sejam eles simples ou “de quimeras mil”, como cantava agora outro intérprete.

Muitas janets, micks, elzas, cleonices, professores e professoras, vizinhos, colegas especiais, passaram, passam e ainda cruzarão nossos caminhos. Essas pessoas não deveriam partir nunca, mas partem. São arrebatadas para seguirem adiante, em outra dimensão. Ficam na memória para nos alimentar com o que deixaram em nosso conhecimento ou em nosso sentimento. E eis a missão que cumpriram com desenvoltura, já que jamais os esquecemos.

Assim como esses ícones de nossa infância ou juventude, os meninos e as meninas do Museu da República, e minha amiga dançarina cantante, jamais serão peças de museu.

Serão justificados pelo concerto e o conforto que me proporcionaram. Afinal, o mundo precisa de cigarras que cantem para adoçar a fadiga das formigas trabalhadeiras, como diz um belo poema de José Paulo Paes.